

(aprendendo)

Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 24, agosto 2017, Trabalhadores Anônimos]

“Depoimento de um médico (quase) anônimo”

por **Bernardino Ramazzini**

(Pai da Saúde do Trabalhador. Carpi/Emilia Romagna, 1633 - Pádua, 1714. Autor de “As Doenças dos Trabalhadores” (1700))



Não me incomoda o fato de eu ser um trabalhador anônimo. Os médicos sempre ocuparam uma posição de destaque nas sociedades. Portanto, o meu anonimato não foi tão radical. Até um certo destaque e uma certa notoriedade me foi concedida, nos locais onde exerci o meu ofício. Mas, não me era destinado o fausto da fama. Ao contrário, por exercer minha arte nos labirintos do mundo do trabalho, o anonimato de médico me possibilitava ouvir e ser ouvido como um trabalhador igual a todos os demais. A fama me traria o desgosto de ser olhado como se eu fosse uma espécie de divindade. E, como eu aprendi a saber, os deuses sempre olharam para os trabalhadores com desdém e sem misericórdia. A parte que me coube no exercício de meu ofício foi conhecer o ofício daqueles que, esses sim, viviam, adoeciam e morriam no completo anonimato, Nunca se deu nome àqueles que ergueram o mundo. Nunca se fez jus àqueles que alimentaram os famosos e os notórios que povoam os livros de história. Nunca trouxeram à luz, sequer, as mãos calejadas que suavizaram os caminhos dos nobres e poderosos para estes melhor exercerem suas injustiças com os trabalhadores que sustentaram com dignidade as vidas indignas dos que lhes oprimiram ao longo da história. Como um trabalhador anônimo entre todos os demais, percebo que meu anonimato continua vigorando hoje, 300 anos depois, entre aqueles que exercem o mesmo ofício da medicina a que me destinei. Ainda não se reconhecem os trabalhadores como sustentáculo das sociedades, como chama que mantém o calor da vida sobre a Terra e como alicerce de toda a arquitetura humana. Não quero deixar o anonimato para alcançar a fama. Só tem sentido eu deixar de ser anônimo se todos aqueles trabalhadores que estudei seus males e suas dores em seus ofícios e suas artes, e com quem convivi durante minha vida – mineiros, douradores, iatraliptas (massagistas), químicos, oleiros, estanhadores, vidraceiros e fabricantes de espelhos, pintores, os do enxofre, ferreiros, gesseiros e caleiros, farmacêuticos, cloaqueiros, pisoeiros, azeiteiros, curtidores, queijeiros, os dos ofícios imundos, os de fumo, coveiros, parteiras, nutrizes, vinhateiros, cervejeiros e destiladores, padeiros e moleiros, fabricantes de amido, peneiradores e medidores de cereais, lapidários, estatuários, britadores, lavadeiras, cardadores de linho, cânhamo e seda, banhistas, salineiros, os dos ofícios em pé, os operários sedentários, os trabalhadores judeus, corredores, cavaleiros, carregadores, atletas, joalheiros, mestres de dicção, cantores e outros desse gênero, agricultores, pescadores, militares, pedreiros, literatos, tipógrafos, escribas e notários, confeitores, tecelões, bronzistas, carpinteiros, amoladores, ladrilheiros, poceiros, marinheiros e remeiros, caçadores, saboeiros e todos os demais trabalhadores que não estão aqui listados – possam ter reconhecida sua identidade social de tecelões da teia da vida, confeitores do doce da natureza humana, arquitetos da morada da dignidade. ■ ■ ■



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.